



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – ICA

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ANA CLEIA DA SILVA CASTRO

PEDAÇOS MANIFESTOS:

COMPOSIÇÕES E DECOMPOSIÇÕES DE UM CORPO PARDO

VÍDEO-MANIFESTO + RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

FORTALEZA/CE

2021

ANA CLEIA DA SILVA CASTRO

**PEDAÇOS MANIFESTOS:
COMPOSIÇÕES E DECOMPOSIÇÕES DE UM CORPO PARDO
VÍDEO-MANIFESTO + RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís
Gonçalves Rodrigues da Silva

FORTALEZA/CE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C35p Castro, Ana Cleia da Silva.
Pedços manifestos : Composições e decomposições de um corpo pardo Vídeo Manifesto + Relato do processo de criação / Ana Cleia da Silva Castro. – 2021.
58 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva.

1. Manifesto autobiográfico . 2. Ancestralidade Indígena. 3. Decolonialidade . 4. Subjetividade. I. Título.
CDD 792.8

ANA CLEIA DA SILVA CASTRO

**PEDAÇOS MANIFESTOS:
COMPOSIÇÕES E DECOMPOSIÇÕES DE UM CORPO PARDO**

VÍDEO-MANIFESTO + RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva

Aprovada em: 09/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Emyle Pompeu de Barros Daltro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos que vieram antes de mim,
aos que estão aqui e agora,
e aos que virão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar, e fizeram de tudo para que não faltasse nada a nenhum de seus filhos.

Aos meus irmãos, que por terem vindo antes de mim, sempre foram os meus melhores exemplos para seguir, sempre me deram seu apoio/suporte e abriram o caminho da universidade para mim, sem eles provavelmente a minha caminhada teria sido em outros rumos.

À Ana Marcielle Silva, minha amiga, pela ajuda durante a escrita deste trabalho, pela colaboração no vídeo-manifesto e pela parceria que, desde 2014, tem sido essencial para o meu desenvolvimento na graduação e na vida.

À Morganna Barbosa, minha companheira, conselheira, incentivadora, meu exemplo de autonomia e serenidade.

Aos meus amigos colaboradores, intérpretes-criadores, que toparam “na hora” me ajudar na criação do vídeo-manifesto. Isabel C. Costa (Beberibe - CE), Islânia Lopes (Fortaleza - CE), Nayana Castro (Fortaleza - CE), Rubéns Lopes (Fortaleza - CE), Souza Frota (Sobral - CE).

Aos meus colegas dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA|UFC), pois muitos contribuíram de inúmeras formas para a minha formação e foram minhas maiores inspirações nessa trajetória.

A todos os meus colegas que dividiram comigo as gestões de Diretório Acadêmico dos cursos de Dança (DADAS), entre os anos de 2016 a 2019. Em especial Dann Campos, Lyz Vedra, e Maria Epinefrina, por convivermos, crescermos e discutirmos tantas coisas sobre os cursos, sobre ser estudante de artes no Brasil, também sobre ser artista, sobre relações e acordos de convivência, entre outros assuntos.

Ao corpo docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Dança da UFC por incentivarem a nós, discentes, a buscarmos nossos próprios caminhos e

enxergarmos as nossas potencialidades nos fazeres em Dança. Seus ensinamentos foram valiosos em minha construção artística, profissional, política e cultural.

À professora Thaís Gonçalves, minha orientadora, que sem ela eu jamais teria chegado a esse resultado. Comecei esse processo sem saber por quais direções seguir, e ela sorriu pra mim com seus olhinhos apertados e disse “vem comigo, que a gente vai encontrar uma direção juntas!”.

Aos professores que tão prontamente aceitaram participar de minha banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Emyle Daltro e Pablo Assumpção.

Ao David Leão, técnico dos cursos de Dança, cuja colaboração foi essencial, para além das minhas expectativas, e por saber executar as minhas ideias tão generosamente. Muito solícito, me orientou e me ensinou sobre o processo de construção de uma obra audiovisual, indicou obras e textos referenciais, enfim, sua assistência foi digna de reconhecimento.

RESUMO

O tom de manifesto é a tônica deste trabalho, composto por duas criações. Uma delas é a escrita de um manifesto de caráter autobiográfico, com questionamentos sobre discursos de visibilidade e invisibilidade que atravessam o corpo de uma mulher brasileira, artista e que, muito recentemente, se deu conta que seu tom de pele parda vem de sua hereditariedade indígena no Ceará. Que pedaços de Brasil me habitam? Com quais pedaços me identifico? Que histórias me compõem? Com as restrições impostas pela pandemia do Coronavírus/Covid-19, foi possível perceber o quanto a lógica colonial sobre os corpos e sobre a natureza ameaça a vida em comunidade. Nos saberes da terra está uma sabedoria possível para fazer frente à lógica extrativista que habita nossas subjetividades (KRENAK, 2019; ROLNIK, 2018; ALEGRE, 1992/93). Assim, o texto manifesto amplia-se para o formato de um vídeo-manifesto, com a colaboração de artistas da dança, pessoas pardas e negras que sentem na pele as questões raciais, de gênero e/ou vinculadas aos saberes ancestrais e que desejam contar a nossa história do Brasil pela versão daqueles que tiveram seus discursos invisibilizados. Manifestamos nossos pedaços de Brasil.

Palavras-chave: manifesto autobiográfico; ancestralidade indígena; decolonialidade; subjetividade; criação em dança.

RESUMÉ

Le ton du manifeste est la clé de voûte de cet ouvrage, composé par deux créations. L'une de d'elles, c'est l'écriture d'un manifeste de caractéristique autobiographique, en posant des questions sur les discours de visibilité et d'invisibilité qui traversent le corps d'une femme brésilienne, artiste et qui, très récemment, s'est rendu compte que sa peau brune provient de son hérité indigène du département de Ceará au Brésil. Quels morceaux du Brésil m'habitent? Avec quelles pièces dois-je m'identifier? Quelles histoires me composent? Avec les restrictions imposées par la pandémie Coronavirus / Covid-19, il a été possible de percevoir à quel point la logique colonial sur les corps et sur la nature, menace la vie en communauté. Dans les savoirs de la terre, il y a une sagesse qui peut faire face à la logique extractiviste qui habite nos subjectivités (KRENAK, 2019; ROLNIK, 2018; PORTO ALEGRE, 1992/93). Ainsi, le texte-manifeste se développe au format d'une vidéo-manifeste, avec la collaboration d'artistes de danse, de personnes brunes et noires qui ressentent dans leur peau des questions raciales, des genres et/ou liés aux connaissances ancestrales et qui souhaitent raconter notre histoire du Brésil à travers ceux dont le discours était invisibilisés. Nous manifestons nos morceaux de Brésil.

Mots-clés: manifeste autobiographique; ancestralité indigène; décolonialité; subjectivité; création dans danse.

SUMÁRIO

1.	VÍDEO-MANIFESTO - Links de acesso	15
2.	PEDAÇOS MANIFESTOS: COMPOSIÇÕES E DECOMPOSIÇÕES DE UM CORPO PARDO	17
3.	RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO	33
3.1	Apresentação	33
3.2	Estratégias de criação	38
4.	ROTEIRO	45
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
6.	REFERÊNCIAS	55

1. VÍDEO-MANIFESTO

- Links de acesso

Drive:

https://drive.google.com/file/d/1bMk7boXzLq4-_6U5kBD-iKaYdlkeKx3v/view?usp=sharing

Youtube:

<https://youtu.be/FZCCLaDAmLw>

2. PEDAÇOS MANIFESTOS: COMPOSIÇÕES E DECOMPOSIÇÕES¹ DE UM CORPO PARDO

PERGUNTAS RETÓRICAS: TO BE OR NOT TO BE? SER ou ESTAR ou
NÃO SER (e) ESTAR?

Ser ou não ser!

Estar ou não estar!

Fazer ou não fazer!

Dizer ou não dizer!

E se...

Ser e não ser?

Estar e não estar?

Fazer e não fazer?

Dizer e não dizer?

E se...

Dizer que é, mas não é;

Dizer que está, mas não está;

Dizer que faz, mas não faz;

Dizer que diz, mas não diz nada?

- O quê nós somos?

- O quê fizemos?

- O que fizeram conosco, o que fizeram de nós?

...

Quem é você? O quê é você?

¹ **Decomposição** é um termo usado para descrever os processos em que a matéria orgânica é degradada em partículas menores e em nutrientes. Esses nutrientes são devolvidos ao meio e podem ser reaproveitados por outros organismos. SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Decomposição"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/decomposicao.htm>. Acesso em 10 de março de 2021.

Como está se sentindo hoje? O quê você está sendo hoje?

O quê você está fazendo aqui?

Está aqui por que quer?

O que te fez chegar até aqui?

O que te move? O que te co-move?

- eu tô aqui pra quê?

- eu vim aqui por quê?

Como? Onde estamos agora?

Foi você quem quis estar aqui?

Foi você ou fui eu?

- Quem fui eu? Quem foi você?

Quem nós fomos?

...

Chega!

de aceitar as respostas mastigadas pelos outros.

- Para não vomitar uma qualquer opinião.

- "é melhor prevenir do que remediar!"

É preciso desconfiar!

- desconfiar dos "originais".

- É preciso desconfiar das nossas origens!

Qual a sua fonte?

- Há muito mais abaixo da linha do horizonte!

- Cuidado com as fake news!

“Em 1500 foi descoberto o Brasil.” *-Quem disse, berenice?*²

É preciso entender melhor o que nos dizem!

- E como nos dizem coisas viu...

Por exemplo, dizem que o verde da bandeira nacional representa as florestas e o amarelo as riquezas do Brasil.

-Você sabe de onde essa história surgiu?

-Será que foram os mesmos que disseram que não tem mais Índio no Brasil?

Dizem que brasileiro não desiste nunca!

-Será?

- Será que não estamos sempre desistindo de alguma coisa?

Dizem que desistir é para os fracos!

- E quem são os fracos desse país?

Dizem que para vencer na vida é preciso madrugar.

- Quantos brasileiros madrugam todo dia e não se sentem vencedores, mas sim, vencidos?

E se...

só estivermos cansados?

Fadigados, estressados, calejados, anestesiados...

Quem tem tempo e cabeça para pensar?

Quem tem corpo para re-agir?

...

² Brincadeira com a sonoridade da marca de cosméticos.

Chega!

de ceder à “sedução perversa do mundo colonial-capitalístico”, que insiste em “cafetinar”³ nossas subjetividades.

Chega!

de ceder à exploração de nossas forças vitais, e ao extermínio de nossas potencialidades.

É preciso fugir da passividade, do lugar cômodo, precisamos parar de permitir.

Encaremos que somos responsáveis também, pela existência/permanência dessa exploração.

-Tornas-te eternamente responsável pelo voto que anulastes!

É como O Rappa diz:

“As vezes eu falo com a vida

As vezes é ela quem diz

Qual a paz que eu não quero

Conservar para tentar ser feliz

(...)

Paz sem voz, não é paz, é medo!”

...

ESTÁ TUDO A VENDA...

- E QUEIMANDO⁴

Qual o preço da ignorância? Qual o preço pra quem não tem ganância?

Qual o preço do corte do nosso cordão umbilical com a natureza?

Quais as consequências desse extravio?

O homem branco botou preço no pau-brasil,

botou preço no ouro e na prata,

botou preço no açúcar e no café.

³ ROLNIK, 2018, p. 24

⁴ Referências às queimadas que se alastraram pelas florestas brasileiras ao longo do ano de 2020.

Vendeu charque, vendeu couro;

- botou preço em gente!

Comprou e vendeu vidas, arrancou-lhes as raízes e roubou-lhes a liberdade.

- pra quê?

Botou-lhes para trabalhar em seu lugar.

Botou preço nas montanhas, nas árvores, engarrafou água, engarrafou o ar...

- e agora quer botar preço no nióbio das terras indígenas.

- por quê será?

Tudo isso para encher um pouco mais os bolsos do homem conquistador

- ou seria usurpador?

“Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte.” MANIFESTO COMUNISTA, 1848

Quais as consequências?

Belo Monte, Brumadinho e Mariana;

- Quantos anos passarão “em branco”?

Petróleo em toda a costa brasileira;

- Quem derramou?

- À quem afetou?

Seca no Pantanal;

- Fogo no pantanal!

Pandemia em todo o mundo;

- quem vai vacinar primeiro?!

- e é uma corrida?

A Amazônia DES-MATADA...

Pessoas, plantas, rios e animais morrendo porque não conseguem respirar...

- Usem máscara!

- *Aqui falta respirador! Ali, oxigênio!*

- *I can't breathe!*⁵

E qual o preço do ar puro? Qual o preço para (sobre)viver?

Quanto tempo ainda custa para aprendermos o que o planeta está cansado de dizer?

Tem preço tornar-se filho da Terra, primo das árvores e sobrinho do sol?⁶

Onde que compra?

-*Onde é?*

Em que sebo eu consigo o meu cordão de nascença de volta?

- *Não! Não há moeda alguma que (a)pague. Vida não se compra, não se vende, não se esmola!*

...

ONDE FICA O LUGAR DE ONDE NÃO SE PODE ESCAPAR?

- *Da Terra viemos, à Terra voltaremos(?)*

Há tempos que eu sinto que vivo num mundo do qual não faço parte, numa vida deslocada de algum lugar que eu não conheci...

Para onde ir, se não sei de onde venho?

...

E onde é que se aprende a viver? A ser coletivo? A conviver?

Onde é que se descansa?

Onde é que se pode parar para olhar/escutar/pensar/processar?

Onde é que o tempo dá tempo?

⁵ Referência a George Floyd, homem negro estadunidense, assassinado pelo policial Derek Chauvin, que ajoelhou-se em seu pescoço por tempo suficiente para asfixiá-lo. O trágico episódio ocorreu no dia 25 de maio de 2020, em Minnesota (EUA) e foi gravado por várias pessoas que presenciaram a cena. Nesses vídeos é possível assistir Floyd dizendo repetidamente: "I Can't Breathe!" ("Não consigo respirar"). Tais imagens disseminaram-se por inúmeras plataformas de redes sociais e foram transmitidas por diversos meios de comunicação pelo mundo, a brutalidade das cenas provocou grande revolta e manifestações anti-racismo tanto em Minnesota como em escala global.

⁶ Referência às ideias mencionadas pelo ambientalista e líder indígena Ailton Krenak no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019).

Onde se aprende a ser universo?

Onde é que se aprende que não há raças nem espécies superiores ou inferiores umas às outras?

- *Quem foi o desclassificado que inventou a "classificação" de raças?*

- *Foi bem um homem cis...*

Onde é que se aprende a ser natureza de novo?

- *Quem nos educa?*

- *Nos educa para o quê?*

- *E o quê que a gente aprende?*

...

QUE PENA QUE CHOVIA EM 22 DE ABRIL DE 1500. FOSSE UMA
MANHÃ DE SOL (NÉ OSWALDO⁷), O ÍNDIO TINHA DESPIDO O
PORTUGUÊS. FOI MESMO UM TREMENDO ERRO DE PORTUGUÊS!

Fala-se muito em IGUALDADE, mas que erro de português grotesco o nosso...

- *O Brasil é o país das DESigualdades.*

Porém não existe um mundo mágico de igualdade, o que se tem é diversidade.
Somos e vivemos experiências diversas, com seres diversos, somos/estamos
ecossistemas diversos...

- *Cosmos não é singular.*

Chega!

de tentar caber num mundo no qual não cabe todo mundo!

O que nos une?

Disse, certa vez, o antropófago Oswald de Andrade: a gravidade!

⁷ Referência direta ao poema *Erro de portugueses* do escritor brasileiro Oswald de Andrade.

É... o assunto é de gravidade! E de gula desenfreada!

- *Gula é fome destruidora!*

E não tem nada a ver com antropofagia.

- *E tem a ver com o quê?*

- *Eles querem engolir o mundo!*

- *“uma fome sem fim” diz KRENAK⁸*

- *E eu completo: essa fome traz o nosso fim!*

Salve-se quem puder!

Feche as malas repletas de dinheiro, com muito lobo guará em papel (*cabe mais, muito mais!*), apague a luz e feche a porta quando sair...

Para onde? Tem saída? Para quem?

- *dá pra parcelar?*

...

A GULA É THE WAR OF POWER

Dizem que é preciso empoderar-se

Mas afinal, pra que serve o poder? Seu efeito não parece ser bom, já que sempre quem tem o poder na mão não aprende a ceder.

*-Ah o consumismo! Como é bom comprar um celular novo
todo ano, trocar de carro, encher
meu guarda-roupas de coisas que
eu não vou usar;*

-aaaah, e como é bom o fast food? Hm?

⁸ Fala do escritor e ambientalista Ailton Krenak em depoimento gravado durante o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, em setembro de 2016, em São Paulo/SP. Disponível em: <https://youtu.be/LEw7n-v6gZA?t=703>. Acesso em 21 de Março de 2021.

-e ir na farmácia comprar aquele anti-acidozinho sabor de frutas para combater a azia, e aquela pilulazinha que esconde os possíveis motivos que me fazem ter dores de cabeça... Afinal pra quê ter dor de cabeça?

“dor de cabeça? é sinal de quem tem cabeça!” MÃE, minha (2020)

...

O que pesa mais: 1kg de penas de araras-azuis ou 1kg de ouro das minas brasileiras?

- Ou a meia tonelada de cocaína daquele helicóptero?

O que vale mais: a vida das pessoas que estão no planeta ou a vida do capital? O valor do dinheiro? Do ouro? E o valor da sua vida? Qual o valor do preto? Do indígena? Da Amazônia? Quem inventou a vida como moeda de troca?

Enquanto a ganância pelo poder, pelo capital, pelo *boot*⁹ da nike, pelo iphone do ano, - os brinquedinhos da humanidade - forem mais importantes do que preservar a natureza, “OS HUMANOS não merecem a Terra!”
Escutemos Krenak!¹⁰

*-Você já viu tênis de marca ser vacina contra pandemia?
Em 2020, só a pandemia nos une. Socialmente? Economicamente?
Filosoficamente?*

*- “É só uma gripezinha!” Não precisa se preocupar!
- Adivinha quem foi que disse isso.*

⁹ Referência à música *Não Pisa no Meu Boot* de MC Caverinha.

¹⁰ Referência às ideias do ambientalista e líder indígena Ailton Krenak em *Conversa Selvagem* - Ailton Krenak e Marcelo Gleiser do canal SELVAGEM Ciclo de Estudos sobre a Vida. Disponível em: <https://youtu.be/xeAI7GDOefg>. Acesso em 19 de Março de 2021.

Isso mesmo o genocida...

- Essa gripe segue matando muita gente. Matando índio, matando pobre, matando preto, matando velho, matando quem não tem valor como moeda de troca.

- Mas “e daí” não é mesmo? “Todos nós vamos morrer um dia.”

...

Será que não estamos muito acomodados e afundados (*ou melhor dizer soterrados?*), nas nossas REDES SOCIAIS?

Será que adianta compartilhar discursos como “Salvem o Planeta!”, “Salvem a Amazônia!”, “Salvem os Índios!”, “Salvem...”

- Vejam só como está o planeta, a Amazônia, os índios e os negros...

E quem é que está salvando alguém de alguma coisa?

- É hipocrisia que chama?

“Fascismo nunca mais!”

“Racismo nunca mais!”

“Ele não!”

Ele não...

-Pera!

-Que triste quimera!

Quanto desgoverno!

- A culpa é do povo brasileiro! Povo folgado!. Só quer viver às custas do governo!

- E esse auxílio emergencial?

- Quebrando o Brasil!

Estamos em crise!

- Crise para quem?

- Crise do/em quê?

...

O *Agro* é Pop!

O Pop não poupa ninguém

O *pajé* levou um tiro à queima roupa

O *agro* não poupa ninguém¹¹

Vende tudo! Vende o Brasil!

...

Que País é esse hein?

o Brasil global, das novelas, da p*tar*a, do carnaval;

do pão e do circo;

onde tudo acaba em pizza;

da natura ekos;

da vale do rio doce;

país *das Minas de ouro*

*Das montanhas Gerais*¹²

E quanto à nossa arte? Às nossaS culturaS? NossoS folcloreS? NossoS saberesS,
NossaS ciênciaS?

Quem se interessa pelas nossaS históriaS? Nossas identidadeS? Quem somos
nós?

“Só me interessa o que não é meu.”

Que tal nos interessarmos mais por nós?

Que tal se nos permitirmos reinventar outras noções de ser-estar no mundo?

Enxergar os detalhes de cada mundo que nos habita? E como ele nos habita?

E se notarmos cada subjetividade e cada potencialidade?

¹¹ Referência à música *O Papa É Pop* da banda brasileira Engenheiros do Hawaii.

¹² Referência à música *Seio De Minas* da cantora brasileira Paula Fernandes.

E se aprendermos a voar?

- *Aí você vai entender o porquê.*

- *O porquê do pobre não poder aprender a voar.*

Imagina se descobrirmos que somos todos marginais, que de uma forma ou outra estamos sempre à margem de um rio?

- *Qual é a sua margem?*

Imagina se alguém descobre que a vida TEM OUTROS prazerES?

- *E que se todo mundo se organizar direitinho dá pra se viver com prazer?!*

- *“Vamos abrir a roda, enlargar!”¹³*

“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte

(...) a gente quer dinheiro e felicidade(...)

necessidade, desejo, necessidade, vontade, necessidade”¹⁴

...

O que mais precisa acontecer?

Quem é que vai se rebelar?

Escuta Krenak: “O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos”¹⁵

“Vamos fugir dessa jaula!

Hoje eu tô feliz (matou o presidente?)

Não. A aula

Matei a aula porque num dava

Eu não aguentava mais

e fui escutar o Pensador escondido dos meus pais...”¹⁶

¹³ Referência à música *A Roda* da cantora brasileira Sarajane.

¹⁴ Referência à música *Comida* da banda brasileira Titãs.

¹⁵ Referência à entrevista de Ailton Krenak concedida a Bertha Maakaroun para o jornal *Estado De Minas(Pensar)*, em 4 De Abril De 2020.

¹⁶ Referência à música *Estudo Errado* do cantor brasileiro Gabriel, O Pensador.

...

- CHEGA MEU POVO! É HORA DE APRENDER!

E errar é aprender também!

Os erros do passado precisam ser lembrados!

Precisamos procurar (re)conhecer nossas histórias!

Precisamos cessar com esses ciclos viciosos de corrupção, de desigualdades, de superioridade entre raças. Aliás, quem foi mesmo que disse esse negócio de raças?!

Vamos cessar com esse ciclos de assassinatos cotidianos:

- Mata-se todo dia a dignidade das mulheres, dos negros, dos pobres, dos animais!

- E o que dizer quando se vira cicatriz d'um corpo sofrido?

- Será disso que sou feita? De quê será que somos feitos?

*- Será essa uma variável constante que me constitui:
eu, pedaços de Brasília em mim?*

...

EU-UNIVERSAL É DIFERENTE DO EU-UNIVERSO

Em um, o "eu", que se pensa "universal", julga ser o modelo para os outros indivíduos do mundo que habita e, com isso, quer impor aos demais indivíduos que se igualem ao seu modo de viver. O que, por extensão, oprime outras formas de ser/estar no mundo.

No outro, o "eu", se percebe feito de "universo", um pedaço do mundo que habita no agora, e é habitado por esse mundo ao mesmo tempo. Por extensão, potencializa todas as formas de vida que pulsam por uma existência comum/comunitária nessa enorme casa, imagina uma co-habitação saudável, nutrida de diversidade e pluralidade.

Ora vejam só, temos uma fórmula antropofágica, né Oswaldo?

“Cosmos parte do eu!”

Leia com demora: “Cosmos parte do eu!”

Respire e leia novamente: “Cosmos parte do eu!”

- *Volte três linhas acima e releia outras vezes, até tornar-se (e retornar a si).*

Vacina antropofágica: somos o cosmos!

...

- E FALANDO SOBRE RESPEITO...

(que era o sol que me faltava)

“RESPEITO é bom, e eu gosto” sempre ouvi esse ditado lá em casa...

E UM DIA DESSES ouvi também Rolnik dizer: “o respeito pelo outro, faz parte da democracia burguesa, aliás é um valor maravilhoso, só que NÃO BASTA”¹⁷.

- Não basta!

Não basta você RESPEITAR O OUTRO, e continuar ADMITINDO os sistemas que oprimem quem está fora da esfera social privilegiada...

Não basta respeitar a “privacidade” de um casal, se você ouve o marido espancando a esposa, e finge que NÃO É DA SUA CONTA...

Não basta você respeitar que um presidente “x” foi eleito em um país, se você vê que ELE NÃO ESTÁ AGINDO COMO O GOVERNANTE DE UM PAÍS.

- em favor do seu povo, do coletivo, da acessibilidade, da pluralidade...
essas coisas bacanas que a gente ouve falar por aí.

¹⁷ Suely Rolnik na entrevista *Narciso no Espelho do Século XXI: Diálogos entre a Psicanálise, as Ciências Sociais e a Comunicação*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GjsRiQB_5DY&ab_channel=Narciso21. Acesso em 19 de Março de 2021.

Não basta ver as “coisas erradas” acontecendo, e LAVAR A MÃOS porque não é com você...

- ou seria não lavar as mãos?

“Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal.”

MANIFESTO COMUNISTA, 1848

- Qual é mesmo a vacina antropofágica?

Lembremos que um organismo se mantém forte, quando todos os sistemas funcionam buscando um equilíbrio...

- falava um professor de *Anatomia*¹⁸ que essa busca era a tal da homeostase.

E o que isso quer dizer pra você?

E o que isso tem a dizer sobre você?

O que vai te fortalecer?

¹⁸ Disciplina Anatomia e Fisiologia Humana Básica, componente curricular dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA|UFC).

3. RELATO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

3.1 APRESENTAÇÃO

PEDAÇOS MANIFESTOS: composições e decomposições de um corpo pardo é o manifesto de Ana Cleia da Silva Castro, mulher, 25 anos, gerada e criada em Pentecoste, no Vale do Curu do Ceará, que vive atualmente em Caucaia, região metropolitana de Fortaleza. Filha de dona Iracy, 65 anos, mulher, dona de casa, por muitos anos revendedora de diversos produtos entre roupas, utensílios para casa, cosméticos etc. Para ajudar na renda familiar, andava a pé, passando por várias casas para vender seus produtos. Dona Iracy é o meu maior exemplo de mulher guerreira. Sou filha também de seu Luiz, 70 anos, que passou fome quando criança, quando descobriu que tinha que trabalhar muito para se salvar. Tinha uma “cabeça boa” para cálculos, mas nunca aprendera a ler, no máximo aprendeu a assinar seu nome. Agricultor, hoje está aposentado (graças!). Sou irmã mais nova de Shirlene e Edmilson, com diferença de 13 e 10 anos, respectivamente. Tive também como avós maternos dona Raimunda, que morou conosco até seu falecimento, em 2008, e seu Miguel, que faleceu muitos anos antes de minha chegada neste plano; e como avós paternos, seu Raimundo, que morava no núcleo “H”, zona rural de São Luís do Curú, município vizinho a Pentecoste - lá ele tinha terras cedidas pelo Dnocs (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), onde meu pai passava a semana cuidando de sua plantação -, e dona Fransquinha, uma indígena adotada por uma família não-indígena e que foi aculturada dos saberes ancestrais dos povos que lhe deram a genética. Faleceu muitos anos antes que sua neta pudesse conhecê-la, assim como sua história. Só me restou imaginar...

Sempre confrontada com questões que remetem a heranças indígenas, somente há pouco tempo, através do empurrãozinho de um espetáculo chamado VIRAÇÃO¹⁹, “a ficha caiu”: estava acostumada a reconhecer as pessoas numa esfera muito reduzida: pessoas com tom de pele claro, eu classificava como

¹⁹ Espetáculo assistido em 2018, na Vila das Artes, com a concepção e direção de João Paulo Barros e com os intérpretes-criadores Clarissa Costa, Dayana Ferreira, Érica Martins, João Paulo Barros e Júnior Meireles. “O que é ser índio hoje? Viração é uma proposta cênica que se desenvolve sobre tal questão”, frases do programa do espetáculo. Mais informações em: <https://viracao.webnode.com/>

brancas ou pardas e, qualquer pessoa com tons mais escuros, já eram negras. Esquecia que ter traços e ser indígena no Ceará é algo bem comum.

Tenho sempre uma sensação de dúvida sobre a opção a ser marcada quando estou diante daquela pergunta de classificação de raças dos cadastros do governo: qual opção marcar? É uma opção? Desconfiada, marco: PARDA. Será? A vida segue assim mesmo. Porém, começo a perceber que sou consequência de toda uma história ancestral de exploração de pessoas subjugadas a uma inferioridade, por não serem brancas. São pessoas submetidas à lógica extrativista de recursos naturais do Brasil, sendo por isso chamadas de “recursos humanos”. Sou um pedaço de Brasil. Tenho no DNA todas as inscrições feitas pelos homens brancos europeus ao grafar, com sangue, muito sangue, uma história por eles contada a partir dos títulos “Grandes navegações” e “Descobrimento das Américas”, ou ainda “Ciclo do café”, “Ciclo do ouro”, “Ciclo do algodão”.

Essa percepção foi gestando em mim um emaranhado de questionamentos e críticas sobre processos que eu passei na minha formação educacional, como cidadã, artista e profissional das artes. Me vejo dentro de um caldeirão de pensamentos/reflexões temperado com o que acontece externamente e internamente a mim, como minhas crises existenciais, identitárias e de ansiedade. A reflexão de que sou composta dessas experiências nos espaços dentro e fora de mim, e portanto o que compõe e des-compõe o eu-corpo (KEHL, 2005), me motivaram a compartilhar com outras pessoas uma degustação de mim, a princípio no formato de um manifesto escrito; em seguida em um vídeo-manifesto, com um processo de criação colaborativo, no qual convidei colegas artistas para degustarem minhas ideias.

Tenho uma série de referenciais bibliográficos, videográficos, televisivos, musicais e de outras naturezas. Percebendo que todas as informações que chegaram até mim, seja de leituras de artigos científicos, de contos, poesias, ditados populares, músicas, imagens, filmes, danças, aulas da escola e da faculdade, ou uma simples conversa, me educaram de alguma forma. Por isso, procurei expressar-me no manifesto de um modo dinâmico, como se eu pudesse estar ali, com o leitor, conversando num tempo presente e imaginando, de modo

que essa conversa possa produzir nos leitores/espectadores algumas das inquietações que me moveram.

Solicitando a reflexão através de apontamentos de perguntas, por vezes perguntas irônicas, outrora frases engraçadas, ou falas regionais, ora pegando trechos de música, ora aproveitando discursos que me afetaram, sejam de maneira positiva ou negativa... Assim construí uma espécie de jogo com as palavras que talvez precise de uma leitura mais demorada, mais saboreada.

A primeira dinâmica que foi surgindo neste trabalho, um pouco inconscientemente, foi a organização em pedaços, a mesma dinâmica de meus pensamentos, aos bocados, sem uma ligação de continuidade entre as partes. E assim incorporei esse aspecto ao título da obra. Outra dinâmica está no subtítulo do primeiro pedaço, que é uma provocação: "Perguntas retóricas". Lembrando de uma primeira explicação que eu ouvi, quando criança, em um programa da televisão, não é uma memória nítida, mas lembro dessa explicação para a pergunta "- o que são perguntas retóricas? / - Perguntas retóricas são perguntas que não precisam ser respondidas". E a proposta pode ser percebida assim: são perguntas retóricas, mas será que realmente não precisam de respostas? E o que são respostas? Obviamente, isso não está dado no texto do manifesto, é algo da minha percepção subjetiva e escolhi deixar assim, num campo aberto a interpretações.

Há também um jogo com os verbos *to be*, da língua inglesa, que para a língua portuguesa se traduz para *ser e/ou estar* e o questionamento em torno do que é *ser e estar* nesse mundo em que vivemos. Acreditamos *ser e não ser* muitas coisas, aprendemos a nos definir como isso ou aquilo, muitas vezes nos limitando e desconhecendo todas as nossas potências. O que significa ser baixinha, magra, morena, tímida? Isso é tudo o que me define? O que mais eu posso ser?

No meu percurso formativo pela graduação em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA|UFC), pude descobrir quantas coisas eu posso ser, e quantas coisas eu poderia ter sido... Mesmo que o currículo do curso ainda tenha muitos referenciais de arte, dança e cultura eurocêntricos, algumas aulas me proporcionaram voltar o olhar para o que é da

cultura brasileira, cearense, o que é meu, o que tem no lugar de onde venho, quais são das minhas ancestralidades?

Aos poucos fui descobrindo que andei por caminhos que, sem perceber, me distanciaram do lugar onde mais me reconheço, o mundo da arte e da dança, que percebia no meu livre mover de criança, sempre em experimentação - algo que pude reviver na graduação em Dança. Afinal, as escolas da rede de ensino básico pouco ou nada abrem espaço para a arte e a dança, poucas vezes a cultura popular entra “pra jogo”, e quando se aborda arte e cultura é mais comum que seja a erudita.

Também percebi que, no decorrer das décadas por mim vividas, alguns saberes e hábitos regionais vão sendo deixados de lado para replicar saberes e hábitos disseminados pela internet. Uma globalização cultural que fez o morador de Pentecoste deixar de lado a conversa na calçada, ou contemplar a beleza de um céu estrelado, para frequentar ambientes “gourmetizados” e usar seu tempo postando fotos em suas redes sociais. Alguns conhecimentos e hábitos ancestrais vão se perdendo e assim a conexão com o natural/natureza²⁰ também vai se modificando e por muitas vezes se perdendo por completo.

Talvez tenha essa percepção por vir de um lugar no qual a natureza estava de certa forma mais próxima. Pentecoste é uma cidade do interior do Ceará, dividida em zona rural e zona urbana. Desde que nasci morei na parte urbana, mas minha casa lá é ampla, com quintal, e no quintal tem pé de acerola, pé de romã, erva cidreira, capim santo, outras ervas, algumas plantinhas com flores, animais, já tive coelhos, galinhas, cágados, cabrito, muitos gatos e cachorros, e sempre gostei de chamá-los de filhos, ou irmãos, ou sobrinhos - por vezes me pergunto se isso já não era um “gérmen” ancestral (ROLNIK, 2018) falando dentro de mim, afinal, os índios tratam todos os seres que compõem a natureza de “parentes”. Talvez também por ser filha de agricultor, e muitas vezes ir à sua plantação, outras vezes banhar-me em rios da região, açude... Brinquei muito com a terra... Cresci nesse ambiente, praticando hábitos peculiares de quem “vem do interior”.

²⁰ Há uma longa discussão acadêmica em torno dos termos “natural” e “natureza”, questionando se são termos tornados comuns a partir de uma única perspectiva de conhecimento. Embora saiba dessa questão, não tenho interesse, nessa pesquisa, em aprofundar aspectos conceituais sobre os termos usados.

Num dado momento saí de lá para morar em Fortaleza, zona urbana com muitos prédios, e shoppings, comecei a perceber outras configurações de ser e estar, de se comportar, de morar, de se locomover, depender de ônibus para se locomover dentro da cidade. Sempre foi muito engraçado, para mim, perceber que Fortaleza em si, tem uma quilometragem quadrada menor que a meu interior e mesmo assim parece enorme... Também tem a diferença do tempo em que eu era criança e adolescente para os dias atuais. Acompanhei as mudanças tecnológicas e o acesso a essas tecnologias. Antigamente ter antena parabólica era luxo, hoje luxo é ter netflix, daqui a pouco será outra coisa inovadora...

Talvez por essas coisas todas, foi possível enxergar tão claramente os contrastes entre esses dois mundos, interior e cidade, o que me fez dizer “ei peraí, estou esquecendo de ser natureza! Estamos esquecendo de ser natureza”. Numa conversa que assisti com o ambientalista e líder indígena Ailton Krenak e com o físico, astrônomo e escritor brasileiro Marcelo Gleiser (2020), eles abordam a dominação da natureza pelo o homem e como isso, por um lado, é algo bom, que nos permite nos comunicarmos com gente de outros países em tempo real, mas que também pode nos levar a “perder noção” de que nós somos natureza, fazemos parte dela e ela de nós. Segundo Krenak, nos relacionamos com a natureza como se estivéssemos separados dela, porém estamos sempre numa relação direta, uma vez que também somos natureza. Para ele, estamos nos esquecendo das nossas ancestralidades, nossa história e isso é perigoso.

Para fechar essa apresentação, gostaria de sinalizar que o manifesto escrito é a matéria-prima, ponto de partida de uma pesquisa que deverá seguir para além da universidade. O vídeo-manifesto pode ser visto como um primeiro resultado de uma pesquisa, a partir do texto do manifesto, sendo um primeiro exercício que deseja acessar outras subjetividades. A escrita por si só demandou muitas elaborações e confabulações. A criação do vídeo contou com muitas outras re-elaborações, sendo uma experiência inédita para mim, na graduação, com a produção de um roteiro. Contei com a direção e o suporte do técnico David Leão tanto na formalização do roteiro como na execução da edição do vídeo-manifesto.

3.2 ESTRATÉGIAS DE CRIAÇÃO

A ideia inicial desse trabalho de conclusão de curso era elaborar um manifesto autobiográfico em formato de texto e escrever uma monografia. Em março do ano de 2020, em pleno processo de pesquisas bibliográficas e videográficas e começando a elaborar o manifesto escrito, começou a pandemia do Coronavírus/Covid-19. Tudo ficou confuso e não havia mais certeza do andamento do ano letivo na universidade e de quando, e como, a população mundial iria se reestabelecer diante dessa crise sem precedentes.

Ao começar a entender que a pandemia talvez fosse durar mais do que podíamos ter imaginado, em meados de maio de 2020, veio uma intenção de montar um vídeo a partir das ideias do manifesto, mas uma ideia ainda muito tímida. Nunca, antes, eu havia produzido uma obra audiovisual. Havia alguma esperança de que uma performance presencial seria possível para o ano de 2021. Assim, o projeto de uma vídeo-performance ficou engavetado.

O processo de leitura foi me direcionando ou sendo direcionado para as questões identitárias/étnicas, e tive contato com autores importantes como Ailton Krenak (2019; 2020), Stuart Hall (1992), Djamila Ribeiro (2017), Sylvia Porto Alegre (1992/93), e também tomei contato com o livro *Esferas da Insurreição*, de Suely Rolnik (2018). Pesquisei conversas, palestras e *lives* como referências alternativas, para que eu pudesse ter um entendimento mais amplo e articulado sobre esses assuntos e autores.

A escrita foi sendo nutrida desses materiais e de afetações causadas pela rotina eminentemente caseira que a pandemia trouxe. Houve um momento em que fui para Pentecoste para cuidar dos meus pais, já idosos, para evitar que eles saíssem de casa. Uma série de acontecimentos mundiais passaram a ser assistidos por mim, como numa grande tela de cinema: o cenário familiar da casa dos pais, com seus móveis, animais, plantas convivendo com o uso de máscaras, álcool em gel, enquanto acontecimentos trágicos ganham força no mundo, um atrás do outro, tais como os incêndios alastrados pelo Pantanal e as mortes de boa parte da flora e fauna daquele ecossistema; as ações e posicionamentos do governo/governante brasileiro frente à pandemia e ao meio ambiente; inúmeras

mortes por Covid-19; um elevado número de feminicídios; mortes brutais frutos de racismo, desigualdades raciais e sociais.

Enfim, muitos acontecimentos que tomaram de assalto minha subjetividade. Sou de uma geração em que esses tipos de acontecimentos pareciam a caminho de uma superação. Como seria possível não considerá-los como parte da minha autobiografia, como parte do mundo em mim?

Eu lia e assistia uma série de coisas, entrecruzando o mundo das ideias e o mundo real, tal como ele se apresentava, cheio de incertezas, mas não conseguia elaborar uma escrita que articulasse tantas questões e de uma maneira consistente. Como fazer uma monografia diante de tantos acontecimentos trágicos? Nesse momento, me dei conta de que não seria possível. O formato precisava ser outro. A ideia de uma vídeo-performance foi retomada. Manifesto pronto, passei a pensar em como dar forma artística performada para as palavras que estavam no papel.

Iniciei um planejamento de ação com o técnico David Leão, que me apresentou duas obras audiovisuais com teor de documentário: *Triste Trópico* (1974) e *Ilha Das Flores* (1989). As duas obras são consideradas revolucionárias, à luz de seus respectivos tempos, porque mesclam realidade e ficção em tons irônico e crítico. Outra dica foi a leitura do texto *O manifesto como poética da modernidade* (BORTULUCCE, 2015), que reforçou minha reflexão sobre o gênero de expressão que eu escolhi trabalhar, me permitindo sentir mais clareza no sentido de partir para a montagem do vídeo-manifesto. David Leão também me introduziu um pouco a alguns programas de editores de vídeos para que eu pudesse ter uma ideia de como produzir um trabalho audiovisual, o que me ajudou a formatar o roteiro de edição das imagens que eu produzi.

Outra referência muito importante para me auxiliar na elaboração do vídeo-manifesto foi o projeto *Biblioteca de Dança*, criado pelos artistas baianos Jorge Alencar e Neto Machado, exibido, em formato digital, pelo canal do Sesc na internet. Nesse projeto, os artistas convidam outros artistas a contarem suas histórias com a dança de maneira dançada. Assistindo aos vídeos, fui pensando em como poderia fazer meu manifesto sair do papel e tornar-se corpo. Experimentei gravar um áudio da leitura do manifesto, integralmente. Um dilema

surgiu diante de mim, a leitura direta do texto daria mais de 20 minutos. Pensando para além da leitura do texto, imaginando a inserção de outras sonoridades, poderia ser desgastante gravar, montar e ouvir o áudio do manifesto. Outro problema seria como compor coreograficamente uma movimentação que pudesse contemplar todo esse tempo.

A primeira solução foi aproveitar o texto aos pedaços. Afinal, ele mesmo foi composto aos pedaços, por pedaços de mim. Assim, poderia gravar um vídeo por vez, postando-os à medida que fossem sendo produzidos em plataformas virtuais que eu tivesse acesso, tal como foram postados os vídeos do Projeto *Biblioteca de Dança*. Mas os prazos para essa produção demandariam mais tempo do que eu tinha para finalizar o semestre letivo e concluir este trabalho de conclusão de curso.

Com o tempo correndo, como produzir um vídeo-manifesto em tão pouco tempo? Vinha pensando, há algum tempo, em convidar colegas para compor comigo, interpretando, com seus corpos, as sensações produzidas pelas minhas palavras e as afetações produzidas pelo nosso atual cotidiano. Embora não estivesse com as ideias bem amarradas e roteirizadas, à medida que fui convidando cada um e com as dúvidas que eles me traziam, fui ampliando e aprofundando o meu entendimento do que eu queria para esta criação coletiva.

O critério de escolha foi ter corpos pardos e negros. Assim, fazem parte dessa etapa da pesquisa, como artistas e amigos-colaboradores, também colegas da graduação em Dança da UFC: Ana Marcielle Silva, Isabel C. Costa, Islânia Lopes, Nayana Castro, Rubéns Lopes e Souza Frota. Além da proximidade do tom de pele com a minha, percebo que são artistas implicados, cada um em sua produção pessoal, em pesquisas que trazem discussões raciais, de gênero e vinculadas à cultura popular.

A princípio, pedi que lessem o manifesto e escolhessem um ou dois pedaços manifestos. A partir dessa escolha, pedi que eles me mandassem um áudio com a leitura do pedaço escolhido. Como passo seguinte, pedi que eles criassem uma composição, com uma célula de movimento, inspirada nesse trecho, e me enviassem o vídeo. Criei um grupo no whatsapp para compartilhar os processos. Também compartilhei uma pasta virtual com os vídeos de cada um

e, ainda, com as referências que inspiraram essa pesquisa, textos e vídeos tais como documentários, palestras, conferências.

Curiosamente, percebi que meus colegas selecionaram trechos que eu considero cruciais no manifesto e que não gostaria de deixar de fora da criação em vídeo. Ainda assim, haviam três pedaços que não fizeram parte dessa escolha e eu optei por performá-los. Ao me ver nesse processo, investiguei inúmeras cenas, espacialidades, sonoridades, mas nada parecia fazer sentido na composição videográfica, esses três trechos se mostraram muito trabalhosos, mas numa determinada noite as inspirações vieram e consegui articulá-las e compor minhas cenas.

Para seguir na produção e criação do vídeo-manifesto, elaborei um roteiro de montagem dos trechos em vídeo, então catalogados, seguindo um formato definido por David Leão. A concepção e direção foram criações artísticas assinadas por mim, enquanto o técnico passou a executar as ideias, muito embora tenha sido ele quem me trouxe a percepção do todo.

Imaginar como ficaria o todo do vídeo, para poder escrever um roteiro foi muito difícil e necessitei usar um outro programa de edição de vídeo, para que a imaginação ganhasse um pouco mais de materialidade na organização das cenas. Baixei outro editor de imagens para exercitar a montagem do vídeo-manifesto e entender o processo de edição e montagem, sem tantas abstrações. Com isso, consegui esboçar melhor minha proposta.

Foi nesse momento que me dei conta de que, nas minhas orientações aos colegas artistas, não havia indicado a orientação da tela dos vídeos a serem gravados. Assim, eles me enviaram vídeos uns na posição horizontal, outros na vertical. Essa questão não necessariamente se tornou um problema, uma vez que David Leão me disse que a estrutura do meu vídeo-manifesto poderia permitir essas mudanças de dimensões de tela e que existem estratégias para que as transições entre os trechos não produzam estranhamentos no espectador.

Foi interessante perceber a composição de cada corpo motivado por um texto. Infelizmente não tivemos tempo de conversar sobre essas composições e sobre as motivações de cada um, a partir das minhas questões. Penso nisso

como uma carência do trabalho, me fazendo pensar que numa reelaboração do vídeo-manifesto, futuramente, se faz muito importante um laboratório de composição, onde se possa debater as referências do manifesto, as referências de cada um dos intérpretes-criadores, e pesquisar coletivamente a composição do vídeo-manifesto.

Já nas minhas composições pessoais, tive alguns parâmetros de pesquisa.

Cena 1 (PROJETO V1): a experimentação foi de aparecer e desaparecer na paisagem, ora com uma roupa, ora com outra e, em alguns momentos extremamente curtos, o ato de despir-me delas. Cada ação foi feita em diferentes posições e ações, remetendo à efemeridade entre o ser e o estar.

Cena 2 (PROJETO V2): o áudio veio da proposição de Islânia Lopes, mas a cena foi protagonizada por mim, em busca de um corpo cotidiano, numa tarefa corriqueira. Ao me perceber lavando meus pratos, percebi que essa era a proposta que usaria na cena.

No roteiro é possível notar que compus dois vídeos para a Cena 5 (V5 MÁSCARAS e V5 RESPIRAR), em torno das palavras “máscara” e “respirar”. Máscaras porque, ao lavar minhas roupas, no ato de estendê-las, observei a presença de máscaras no varal. Um acessório que passou a fazer parte do nosso guarda-roupa diante da atual situação planetária e sanitária. Se por um lado, pode nos proteger, por outro lado nos revela uma situação preocupante, um medo de contrair um vírus (Covid-19) que pode ser letal, uma doença que nos impede de respirar, sem contar que usá-la também dificulta a respiração. No decorrer desse trecho trago também o áudio de George Floyd dizendo “*i cant breath*”, que traduzindo para o português é “eu não consigo respirar”. Esse fato me motivou a trazer à cena uma imagem de sufocamento.

Na Cena 6 (V6 BEL): a composição corporal foi de Isabel C. Costa. Ao unir o áudio com o vídeo, notei alguns desencontros, e acabei editando a composição dela, num processo de cortes e reorganizações desses cortes.

Na Cena final (TODOS OS VF) , como o texto também chega ao final e tem um caráter mais diretivo, tive a ideia de solicitar aos meus colegas mais um vídeo em que eles passassem alguns segundos encarando o espectador, uma

maneira de expor e evidenciar nossos corpos pardos que compõem os Pedacos Manifestos.

A seguir, o roteiro de montagem do vídeo-manifesto com todas as cenas.

4. ROTEIRO

SEM ÁUDIO	CENA 1: TELA PRETA ESCREVENDO O TÍTULO	PEDAÇOS MANIFESTOS: COMPOSIÇÕES E DECOMPOSIÇÕES DE UM CORPO PARDO
------------------	---	--

Áudio:	Vídeos/Cenas	Texto
1 ANA CLEIA 1 TC-IN: 00:02 TC-OUT: 01:56	PROJETO V1	<p>PERGUNTAS RETÓRICAS: TO BE OR NOT TO BE? SER ou ESTAR ou NÃO SER (e) ESTAR?</p> <p>Ser ou não ser! Estar ou não estar! Fazer ou não fazer! Dizer ou não dizer! E se... Ser e não ser? Estar e não estar? Fazer e não fazer? Dizer e não dizer? E se... Dizer que é, mas não é; Dizer que está, mas não está; Dizer que faz, mas não faz; Dizer que diz, mas não diz nada? - O quê nós somos? - O quê fizemos? - O que fizeram conosco, o que fizeram de nós? - Quem é você? O quê é você? Como está se sentindo hoje? O quê você está sendo hoje? O quê você está fazendo aqui? **Está aqui por que quer? O que te fez chegar até aqui? O que te move? O que te co-move? - eu tô aqui pra quê? - eu vim aqui por quê? Como? Onde estamos agora? Foi você quem quis estar aqui? Foi você ou eu?</p> <p>- Quem fui eu? Quem foi você? Quem fomos nós?</p>

Transição

Áudio:	Vídeos/Cenas	Texto
2 ISLANIA.mp4 TC-in: 00:04' TC-out: 01:22'	PROJETO V2	"Em 1500 foi descoberto o Brasil."

<p>*dar um intervalinho de alguns segundos nesse trecho pq no áudio ficou muito junto da fala anterior</p>		<p>*-<i>Quem disse, berenice?</i> É preciso entender melhor o que nos dizem! - <i>E como nos dizem coisas viu...</i></p>
		<p>Por exemplo, dizem que o verde da bandeira nacional representa as *florestas e o amarelo as **riquezas do Brasil. *-<i>Você sabe de onde essa história surgiu?</i> -<i>Será que foram os mesmos que disseram que não tem mais Índio no Brasil?</i></p>
<p>*dar, aqui também, um intervalinho de alguns segundos nesse trecho pq no áudio ficou muito junto da fala anterior</p>		<p>*Dizem que brasileiro não desiste nunca! -<i>Será?</i> - <i>Será que não estamos sempre desistindo de alguma coisa?</i> Dizem que desistir é PARA os fracos! - <i>E quem são os fracos desse país?</i> Dizem que para vencer na vida É PRECISO madrugar. - <i>Quantos brasileiros madrugam todo dia e não se sentem vencedores, mas sim, vencidos?</i></p>
		<p>E se... só estivermos cansados? Fadigados, estressados, calejados, anestesiados... Quem tem tempo e cabeça para pensar? Quem tem corpo para re-agir? Chega! de ceder à “sedução perversa do mundo colonial-capitalístico”, que insiste em “cafetinar” nossas subjetividades. Chega! de ceder à exploração de nossas forças vitais, e ao extermínio de nossas potencialidades. É preciso fugir da passividade, do lugar cômodo, precisamos parar de permitir.</p>
	<p>** som de urna</p>	<p>Encaremos que somos responsáveis também, por sua existência/permanência.</p>

		-Tornas-te eternamente responsável pelo voto que anulastes!**
--	--	---

Transição

Áudio:	Vídeos/Cenas:	Texto
3 NANÁ TC-IN: 00:00 TC-OUT: 00:43	V3 NANÁ	<p>ESTÁ TUDO A VENDA... - E</p> <p><i>QUEIMANDO</i></p> <p>Qual o preço da ignorância? Qual o preço pra quem não tem ganância?</p> <p>Qual o preço do corte do nosso cordão umbilical com a natureza?</p> <p>Quais as consequências desse extravio?</p> <p>O homem branco botou preço no pau-brasil, botou preço no ouro e na prata,</p> <p>botou preço no açúcar e no café.</p> <p>Vendeu charque, vendeu couro;</p> <p><i>- botou preço em gente!</i></p> <p>Comprou e vendeu vidas, arrancou-lhes as raízes e roubou-lhes a liberdade.</p> <p><i>- pra quê?</i></p>

Áudio:	Vídeos/Cenas:	Texto
4 RUBENS TC-in: 00:22 TC-out: 01:30	V4 RUBENS	<p>Botou-lhes para trabalhar em seu lugar.</p> <p>Botou preço nas montanhas, nas árvores, engarrafou água, engarrafou o ar...</p> <p><i>- e agora quer botar preço no nióbio das terras indígenas.</i></p> <p><i>- por quê será?</i></p> <p>Tudo isso para encher um pouco mais os bolsos do homem conquistador</p> <p><i>- ou seria usurpador?</i></p> <p><i>"Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte." MANIFESTO COMUNISTA</i></p> <p>Quais as consequências?</p>

		<p>Belo Monte, Brumadinho e Mariana; - <i>Quantos anos passarão “em branco”?</i> Petróleo em toda a costa brasileira; - <i>Quem derramou?</i> - <i>À quem afetou?</i> Seca no Pantanal; - <i>Fogo no pantanal!</i> Pandemia em todo o mundo; - <i>quem vai vacinar primeiro?!</i> - <i>e é uma corrida?</i></p>
--	--	--

Transição: um momento de silêncio dramático

“MAIS UM RECORDE DE ÓBITOS POR COVID NO BRASIL” escrito numa tela totalmente preta

Áudio:	Vídeos/Cenas:	Texto
<p>5 AMAZÔNIA TC-in: 00:00 TC-out: 00:13</p>	V5 MÁSCARAS	<p>Pessoas, plantas, rios e animais morrendo porque não conseguem respirar...</p>
<p>TC- in: 00:14 TC-out: 00:16 *separar, dar um intervalinho de alguns segundos nesse trecho pq no áudio ficou muito junto da fala anterior</p>		<p>*- <i>Usem máscara!</i></p>
<p>TC- in: 00:17 TC-out: 1:14 ** apagar trecho 00:17 ~ 00:21 *** 00:40 uma moto me atrapalhou na hora, como resolver esse trecho?</p>	V5 RESPIRAR	<p>- <i>Aqui falta respirador. Ali, oxigênio.</i> ** <i>i can't breathe</i> E qual o preço do ar puro? Qual o preço para (sobre)viver? Quanto tempo ainda custa para aprendermos o que o planeta está cansado de nos dizer? ***Tem preço tornar-se filho da Terra, primo das árvores e sobrinho do sol? Onde que compra? -<i>Onde é?</i></p>

		Em que sebo eu consigo o meu cordão de nascença de volta? <i>- Não! Não há moeda alguma que (a)pague. Vida não se compra, não se vende, não se esmola!</i>
5 G FLOYD BREATH	V5 RESPIRAR	<i>- I can't breathe!</i>

Áudio:	Vídeos/Cenas:	Texto
6 BEL TC-IN: 00:00 TC-OUT: 00: 30	V6 BEL	ONDE FICA O LUGAR DE ONDE NÃO SE PODE ESCAPAR? <i>- Da Terra viemos, à Terra voltaremos(?)</i> Há tempos que eu sinto que vivo num mundo do qual não faço parte, numa vida deslocada de algum lugar que eu não conheci... Para onde ir, se não sei de onde venho?

Transição

Áudio:	Vídeos/Cenas:	Texto
7 SOUZA TC-IN: 00:26 TC-OUT: 01:14	V7 SOUZA	E onde é que se aprende a viver? A ser coletivo? A conviver? Onde é que se descansa? Onde é que se pode parar para olhar/escutar/pensar/processar? Onde é que o tempo dá tempo? Onde se aprende a ser universo? Onde é que se aprende que não há raças nem espécies superiores ou inferiores umas às outras?

		<p>- Quem foi o desclassificado que inventou a "classificação" de raças?</p> <p>- Foi bem um homem cis...</p> <p>Onde é que se aprende a ser natureza de novo?</p> <p>- Quem nos educa?</p> <p>- Nos educa para o quê?</p> <p>- E o quê que a gente aprende?</p>
--	--	--

Transição

Áudio:	Vídeos/Cenas:	Texto
<p>8 MARCI TC-IN: 00:26 TC-OUT: 00:48</p>	<p>V8 MARCI</p>	<p>- CHEGA MEU POVO! É HORA DE APRENDER! E errar é aprender também! Os erros do passado precisam ser lembrados! Precisamos procurar (re)conhecer nossas histórias! Precisamos cessar com esses ciclos viciosos de corrupção, de desigualdades, de superioridade entre raças, aliás, quem foi mesmo que disse esse negócio de raças! Vamos cessar com esse ciclos de assassinatos cotidianos: - Mata-se todo dia a dignidade das mulheres, dos negros, dos pobres, dos animais! - E o que dizer quando se vira cicatriz d'um corpo sofrido? - Será disso que sou feita? De quê será que somos feitos? - Será essa uma variável constante que me constitui: eu, pedaços de Brasis em mim?</p>

Transição

Áudio	Vídeos/Cenas	Texto
<p>9 RESPEITO T IN: 00:00 T OUT: 02:33</p>	<p>TODOS OS VF</p>	<p>- E FALANDO SOBRE RESPEITO... (que era o sol que me faltava) "RESPEITO é bom, e eu gosto" sempre ouvi esse ditado lá em casa...</p>

		<p>E UM DIA DESSES ouvi também Rolnik dizer: “o respeito pelo outro, faz parte da democracia burguesa, aliás é um valor maravilhoso, só que NÃO BASTA”.</p> <p>- Não basta!</p> <p>Não basta você RESPEITAR O OUTRO, e continuar ADMITINDO os sistemas que oprimem quem está fora da esfera social privilegiada...</p> <p>Não basta respeitar a “privacidade” de um casal, se você ouve o marido espancando a esposa, e finge que NÃO É DA SUA CONTA...</p> <p>Não basta você respeitar que um presidente “x” foi eleito em um país, se você vê que ELE NÃO ESTÁ AGINDO COMO UM GOVERNANTE DE UM PAÍS.</p> <p style="padding-left: 40px;">- em favor do seu povo, do coletivo, da acessibilidade, da pluralidade... essas coisas bacanas que a gente ouve falar por aí.</p> <p>Não basta ver as “coisas erradas” acontecendo, e LAVAR A MÃOS porque não é com você.</p> <p style="text-align: right;">- ou seria não lavar as mãos?</p>
		<p>“Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal.” <i>MANIFESTO COMUNISTA, 1848</i></p> <p style="text-align: center;">- Qual é mesmo a vacina antropofágica?</p> <p>Lembremos que um organismo se mantém forte, quando todos os sistemas funcionam buscando um equilíbrio...</p> <p style="text-align: center;">- se não me engano o professor de <i>Anatomia</i> falava que essa busca era a tal da homeostase.</p> <p>Enfim... o que isso quer dizer pra você? E o que isso tem a dizer sobre você? O que vai te fortalecer?</p>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este processo de criação, com o manifesto escrito e o vídeo-manifesto, pude perceber que essa pesquisa não se encerra nestas duas composições. Estou mobilizada pelo desejo de compor um trabalho mais profundo, mais demorado, com um aprofundamento sobre as construções dos discursos e dos questionamentos levantados no texto manifesto através de debates em torno das referências bibliográficas e videográficas, realizar residências artísticas para investigar as correlações entre as ideias e os saberes do corpo e sobre o corpo. Enfim, uma elaboração artística que seja mais interligada entre discursos textuais e discursos corporais.

Pensando no espaço para onde retornarei, brevemente, agora no papel de professora de arte, quero levar essa proposta para a escola pública/educação básica. Afinal, foi olhando para minha trajetória escolar, que percebi como a escolarização pode ser um espaço de distanciamento de saberes ancestrais-culturais, dada a supervalorização de conhecimentos oficiais e disciplinares em detrimento dos saberes artístico-corporais e dos saberes dos povos da terra. Esse tipo de formação escolar influenciou na construção da minha subjetividade a tal ponto de não me reconhecer parente dos meus ancestrais. Um processo de aculturação já presente na geração dos meus pais e de meus avós, ou seja, uma colonização de suas subjetividades por um certo pedaço oficial do Brasil.

Diante disso, meu desejo é sensibilizar uma nova geração de alunos, no ensino escolar, por meio da dança/arte, noções de pertencimento à essa grande casa que chamamos de planeta Terra, colaborando para que outras pessoas se reconheçam nos pedaços de Brasil a que pertencem, feitos de histórias invizibilizadas que não deixam que nos percebamos como dominados,

aculturados, destituídos de um vínculo com os saberes ancestrais e com a natureza de que somos feitos. Por isso pretendo me aprofundar nos estudos de autores decoloniais e pensar/articular futuramente um projeto em dança que possa ser inserido na educação básica.

6.REFERÊNCIAS

- Bibliográficas

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Cultura e história: sobre o desaparecimento dos povos indígenas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, V. XXIII/XXIV, Nº (1/2) : 213-225, 1992/1993.

ANDRADE, Oswald. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O manifesto como poética da modernidade. **Literatura e Sociedade**, [S.L.], v. 20, n. 21, p. 5-17, 20 dez. 2015. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i21p5-17>. Acesso em: 26 mar. 2021.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1988.

GONÇALVES, Thaís. **Sensorialidades antropofágicas: saberes do sul na dança contemporânea**. Tese de Doutorado (Co-tutela). Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa e Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Lisboa; Campinas, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006. 104 p. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro.

KEHL, Maria Rita. **O eu é o corpo**. Corpo. São Paulo: Itaú Cultural, p. 110-118, 2005

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **“O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise”**, Entrevista cedida a Bertha Maakaroun. Jornal: Estado De Minas (Pensar), 4 De Abril De 2020.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2018. Tradução: Antonio Carlos Braga.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

_____. Subjetividade Antropofágica. In: Subjetividade Antropofágica / Anthropophagic Subjectivity. In: HERKENHOFF, Paulo e PEDROSA, Adriano (Orgs). **Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s**, XXIV^a Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. p. 128-147.

- Sonora

A RODA. intérprete: Sarajane. Compositor: Sarajane/Robson de Jesus/Alfredo Moura. Gênero: Axé Music, Lambada. 1987. Disponível em: <https://youtu.be/P1yAUUwWPGs>. Acesso em: 26 mar. 2021.

COMIDA. Intérprete: Titãs. Compositores: Sérgio Britto / Marcelo Fromer / Arnaldo Filho. In: “Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas”. 1987 Warner Music Brasil Ltda. Disponível em: <https://youtu.be/94SR1WNOHcw>. Acesso em: 26 mar. 2021.

ESTUDO Errado, intérprete: Gabriel o Pensador compositor da parte In: “AINDA é só o Começo”. Sony Music. 1995. Disponível em: <https://youtu.be/oKEAh448nSk>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MINHA Alma (A Paz Que Eu Não Quero). intérprete: O Rappa. Compositores: Alexandre Monte De Menezes / Lauro Jose De Farias / Marcelo De Campos Lobato / Marcelo Falcao Custodio / Marcelo Fontes Do Nascimento Vi Santana. In: " LADO A Lado B". Rio De Janeiro: Warner Music Brasil. 1999. Disponível em: <https://youtu.be/dixEvTzhlaY> Acesso em: 26 mar. 2021.

O PAPA é pop. Intérprete: Engenheiros Do Hawaii. Compositor: Humberto Gessinger. In: "O papa é pop". (C) 1996 Bmg Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/33l4gnLSrUM> . Acesso em: 26 mar. 2021.

SEIO De Minas., intérprete e compositora: Paula Fernandes (C) 2010 Universal Music International. Disponível em: <https://youtu.be/1ux38zbTVSo> . Acesso em: 26 mar. 2021.

SÓ NÃO pisa no meu boot, intérprete: Mc Caverinha, compositor da parte. Estilo Musical: Rap/Trap. Produzido por (Beco Filmes). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hDiB4-ATQjs>. Acesso em: 26 mar. 2021.

- Videográfica

BIBLIOTECA de Dança Online. Instalação coreográfica na qual artistas ocupam uma biblioteca e transformam seus corpos em livros dançantes divididos em dez capítulos, com cerca de 5 minutos cada, disponibilizados de 20/01/2021 a 21/02/2021, quartas e domingos, às 18h, nas redes sociais do Sesc Avenida Paulista (Instagram, Facebook e Youtube). **Teaser** disponível em: <https://youtu.be/qa1Q6f2EOxE>. *YouTube*. 2021. Acesso em: 19 de Março de 2021.

CONVERSA Selvagem - Ailton Krenak e Marcelo Gleiser. *Live* do canal no *SELVAGEM Ciclo de Estudos sobre a Vida*. *YouTube*. Transmitido desde abril de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/xeAI7GDOefg>. Acesso em: 19 de Março de 2021.

CULTURAS indígenas, Ailton Krenak. Depoimento gravado durante o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas, em setembro de 2016, em São Paulo/SP. Canal Itaú Cultural. *YouTube*. Disponível em: <https://youtu.be/LEw7n-v6gZA?t=703>. Acesso em: 21 de Março de 2021.

ENTREVISTA *Narciso no Espelho do Século XXI: Diálogos entre a Psicanálise, as Ciências Sociais e a Comunicação* com Suely Rolnik. Canal Narciso 21. *YouTube*. 2017. Disponível em: https://youtu.be/GjsRiQB_5DY Acesso em: 19 de Março de 2021.

ILHA Das Flores. Direção de Jorge Furtado. Produção de Giba Assis Brasil, Mônica Schmiedt, Nôra Gulart. Roteiro: Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. (13 min.), son., color. Disponível em: https://portacurtas.org.br/filme/default.aspx?name=ilha_das_flores. Acesso em: 26 mar. 2021.

TRISTE Trópico. Direção de Arthur Omar. Produção de Arthur Omar. Roteiro: Arthur Omar. Música: Cirilo Gonot. Rio de Janeiro: Melopéia Cinematográfica Ltda., 1974.

VIRAÇÃO. Direção de João Paulo Barros. Intérpretes: Clarissa Costa, Dayana Ferreira, Érica Martins, João Paulo Barros e Júnior Meireles. Roteiro: João Paulo Barros. Música: Povo Tremembé de Almofala e Xuxa. 2017. Informações disponíveis em: <https://viracao.webnode.com/> .

_____. **Teaser do Espetáculo.** Disponível em: <https://youtu.be/wvFxsgXKRz4>. Acesso em: 26 mar. 2021.

_____. **MiniDoc.** Disponível em <https://youtu.be/zPA-iFkGvcc> . Acesso em: 26 mar. 2021.